

**EFEITOS DO DISCURSO DA PROPAGANDA IMOBILIÁRIA NA CRIAÇÃO DO IDEAL DE COMUNIDADE FECHADA: UMA LEITURA DE "LAS VIUDAS DE LOS JUEVES"**

Renata Dorneles Lima (UFRJ)

Com a obra *Las viudas de los jueves*, de Claudia Piñeiro, ingressamos em um "barrio cerrado", localizado no conurbano de Buenos Aires no final da década de 90, período em que há uma mudança conjuntural no país iniciada por uma crise econômica que chega a seu ápice no ano de 2001. o romance propõe como cenário a vida de uma classe média em ascensão no Country Club Altos de la Cascada, um projeto de moradia em que a segurança é o pilar desse território.

A obra, publicada em 2005 e com lançamento de edição comemorativa pelos dez anos da primeira edição em setembro de 2015, apresenta uma trama narrativa que envolve a vida de várias famílias que moram em Altos de la Cascada. No romance, esse tipo de moradia desponta como uma novidade na cidade com todas as suas especificidades, em particular o padrão estético residencial e as normas de segurança do território de autosegregação. A palavra *country* é utilizada na Argentina para denominar essa forma de viver das classes abastadas em bairros fechados e localizados, no caso da obra, na Grande Buenos Aires. No entanto, a própria descrição desse tipo de moradia feita pela narradora dialoga com a palavra no seu sentido mais literal, a ideia de "país"; a ideia de autosegregação, deixando no exterior dos muros a realidade: a crise econômica argentina, que surge como ponto fundamental para as discussões em que se envolvem os personagens e para a trama delineada por Claudia Piñeiro.

El nuestro es un barrio cerrado, cercado con un alambrado perimetral disimulado detrás de arbustos de distinta especie. Altos de la Cascada Country Club, o club de campo. (...) Nosotros nos mudamos a La Cascada a fines de los ochenta. Teníamos nuevo presidente. Tendríamos que haberlo tenido a partir de diciembre pero la

hiperinflación y los saqueos a los supermercados hicieron que el anterior dejara el sillón antes de terminar el mandato. (...) La Cascada no iba a cambiar la vida, de que necesitábamos cortar con la ciudad. (PIÑEIRO, 2015, p. 30 e 35)

A mudança na economia argentina ocorrida na década de noventa incidirá na trama de *Las viudas*. Os problemas acarretados pelas reformas econômicas da época em todo país serão base narrativa da obra de Piñeiro, deslocando o olhar para a fragmentação do tecido sócio-espacial da cidade, principalmente a fragmentação da Grande Buenos Aires e todas suas consequências sociais.

Marcelo Lopes de Souza, em seu artigo “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”, discute, inicialmente, o conceito reducionista do termo “território”. Para Souza, o conceito foi – e continua sendo – visto como algo relacionado ao Estado, ou seja, o território é compreendido sob o ângulo do Estado com todas as implicações do discurso nacional que se pode adicionar:

Retornando ao conceito de território, é imperioso que saibamos despi-lo do manto de imponência do qual se encontra, via de regra adornado. A palavra território normalmente evoca o “território nacional” e faz pensar no Estado – gestor por excelência do território nacional – em grandes espaços, sentimentos patrióticos (...). (SOUZA, 2008, p. 81)

Após ser repensado por diferentes áreas do conhecimento, o termo passou a ser compreendido, segundo Souza, não somente como o espaço sobre o qual o Estado detém poder, mas como o espaço em que as identidades se formam. Dito de outra maneira, o território passa a ser investigado como o lugar que dialoga com as identidades dos sujeitos que por ali circulam ou vivem. A cidade fragmentou-se, acabando por configurar-se como uma multiplicidade de territórios heterogêneos e, mais recentemente, o processo redimensiona-se no âmbito cultural, surgindo, como consequência, as pequenas “ilhas urbanas” que compõem o arquipélago da cidade, associadas a uma nova concepção de território.

A mudança para esse espaço objetiva “apagar” toda relação anterior com a cidade, tornando o "country" uma espécie de micronação das famílias que ali convivem. As múltiplas visões dessa vida idealizada ocorrem a partir da narração da personagem Virgínia, que ora pensa esse projeto de cidade de forma crítica, ora vende a ideia de “bairro ideal” por meio de um discurso que produz o imaginário distintivo desse espaço, diferenciando-o da cidade real e ativando um novo modo de viver a cidade em consonância com projetos arquitetônicos e urbanísticos de construção desse território.

Personagem mais crítica e consciente do fracasso de um projeto de urbanização exclusiva, Virgínia é a única personagem feminina que encara de frente a crise econômica e decide trabalhar fora, aceitando, e mesmo procurando, a aproximação e o contato com os moradores da comunidade popular que existe no lado externo de Altos de la Cascada. Constitui-se num personagem bastante problemático. Antes que qualquer outro morador de Altos, realiza para si mesma o fracasso desse modelo de urbanização que produz uma comunidade de iguais a partir de uma radical “mixofobia”. Sua trajetória de mulher independente, em clara dissonância com o modelo assumido pelas demais moradoras, coloca-a no campo das estratégias discursivas do marketing imobiliário, quando decide se tornar corretora de imóveis dedicada apenas à venda de imóveis do próprio Altos.

Altos de la Cascada es el barrio donde vivimos. Todos nosotros. Primero se mudaron Ronie e Virginia Guevara, casi al mismo tiempo que los Urovich (...) El nuestro es un barrio cerrado, cercado con un alambrado perimetral disimulado detrás de arbustos de distinta especie. Altos de La Cascada Country Club, o club de campo. (...) Con cancha de golf, tenis, pileta, dos *club house*. Y seguridad privada. Quince vigiladores en los turnos diurnos, y veintidós en el de la noche. Algo más de doscientas hectáreas protegidas a las que sólo pueden entrar personas autorizadas por alguno de nosotros. (...) (PIÑEIRO, 2005, p. 25)

Diante disso, propomo-nos a pensar a descrição do espaço do "country" feita pela personagem narradora na chave das estratégias de criação/produção de uma realidade atrativa através do discurso dos panfletos que buscam vender esse modelo de vida e reforçam o imaginário do medo e a ideia de deterioração da cidade como espaço de interação com os diferentes. Reconhecer na personagem narradora o discurso da propaganda imobiliária permite-nos localizar a tensão interna do personagem problemático. Mapear o uso das metáforas em sua função persuasiva possibilita o reconhecimento do imaginário que leva a expansão desse modelo de urbanização exclusiva e, ao mesmo tempo, a perceber como essas imagens são colocadas em xeque quando usadas por essa corretora de imóveis tão particular que é Virgínia. A venda da imagem de território ideal de moradia reduz-se, no discurso da personagem, à metáfora da busca pelo verde, sem explicitar o motivo verdadeiro da “fuga” para esse novo projeto de moradia: o pânico da cidade fracassada.

A necessidade de autossegregação que essas família de Altos de la Cascada manifestam está relacionada ao “medo da cidade”, uma vez que é perceptível que esta já

não é homogênea, mas composta por fragmentos de territórios diversos em sua estrutura e nos sujeitos que neles se estabelecem. Essa questão é muito bem abordada pelo geógrafo Marcelo Lopes de Souza em seu livro *Fobópolis: o medo generalizado e a militarização da questão urbana* (2008).

Primeiro, faz-se necessário explicar o título pensado pelo geógrafo para sua obra dada a importância que o termo tem para a discussão acerca do conceito de cidade e a fragmentação do espaço. Marcelo Lopes de Souza explica, na apresentação de seu livro, que o neologismo “fobópolis” é a combinação de dois vocábulos “derivados das palavras gregas *phóbos*, que significa ‘medo’, e *pólis*, que significa ‘cidade’” (2008, p. 9). O termo criado por Souza evidencia a relação desse medo social com o urbano, sentimento que aumenta gradualmente nos últimos anos do século XX, fazendo com que a cidade, perceptivelmente não-homogênea e cada vez mais fragmentada, se converta no espaço da fobia.

aqui o uso da palavra [fragmentação] é essencialmente adequado, uma vez que o tecido espacial que emerge do processo não é somente “diferenciado internamente” ou caracterizado por disparidades. Está-se lidando, na verdade, com uma cidade cada vez mais segmentada por poderosas fronteiras invisíveis, ilegais em grande parte. Fronteiras são estabelecidas com a finalidade de controle espacial (SOUZA, 2008a, p. 58-59).

O medo da cidade tem papel fundamental no discurso da Virgínia corretora imobiliária. Como a desculpa de que os moradores escolheram o condomínio fechado para estar em constante contato com o verde, a personagem vende a segurança do território, diferenciando-o da cidade.

Los que venimos a vivir a Altos de la Cascada decimos que lo hacemos buscando ‘el verde’, la vida sana, el deporte, la seguridad. Excusados en eso, inclusive ante nosotros mismos, no terminamos de confesar por qué venimos. y con el tiempo ya ni nos acordamos. El ingreso a la cascada produce cierto olvido mágico del pasado. El pasado que queda es la semana pasada, el mes pasado, el año pasado ‘cuando jugamos el *intercountry* y lo ganamos’. Se van borrando los amigos de toda la vida, los lugares que antes parecían imprescindibles, algunos parientes, los recuerdos, los errores. Como si fuera posible, a cierta edad, arrancar las hojas de un diario y empezar a escribir un nuevo.” (PIÑEIRO, 2005, p. 25)

As mudanças sociais e urbanas de uma cidade podem acarretar em seus moradores sensações de desconforto, insegurança e medo a partir das novas configurações geográficas e imaginárias que se delineiam no território. Essa é uma das

teses com a qual trabalha a professora Teresa Pires Caldeira, em seu livro *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo* (2000). Embora seja uma obra que traz uma discussão topocêntrica – como aclara o próprio título da obra –, muitas questões levantadas pela antropóloga sugerem uma base para a discussão acerca da ideia de cidade em uma concepção mais geral, dando-nos argumentos para pensar o imaginário urbano formado em outras cidades latino-americanas, a exemplo de Buenos Aires, como consequência de sua fragmentação socioespacial.

Caldeira analisa as justificativas utilizadas para a segregação territorial com base no discurso do medo com base em preconceitos de diferentes tipos, como por exemplo de classe social e etnia, associando a violência em momentos de crise a sujeitos oriundos dos territórios marginalizados. Esses discursos podem acompanhar o deslocamento de ondas de imigrantes periféricos – internos e externos – para territórios que compõem essa cidade pretensamente homogênea. É o contato com o “outro”, com o “não semelhante”, que poderá gerar formas de segregação manifestadas no corpo da cidade.

O mecanismo, muitas vezes, empregado para construir essas barreiras discursivas e, conseqüentemente, fomentar o imaginário negativo em relação aos territórios e sujeitos periféricos origina-se do que Teresa Pires Caldeira denomina “fala do crime” (2000, p. 9). A categoria cunhada em *Cidade de muros* é aplicada para dar conta do discurso construído no dia a dia e que não tem, necessariamente, ligação direta com uma experiência de violência que potencialize um imaginário estigmatizado acerca dos sujeitos que estão à margem da cidade formal.

As narrativas cotidianas, comentários, conversas e até mesmo brincadeiras e piadas que têm o crime como tema contrapõem-se ao medo e à experiência de ser uma vítima do crime e, ao mesmo tempo, fazem o medo proliferar. (...) A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos. (CALDEIRA, 2000, p. 9-10)

Segundo a autora, as narrativas estigmatizadas que emergem das conversas cotidianas referentes a esses espaços da alteridade, associando-os a territórios de violência, potencializam, em grande medida, um imaginário urbano de medo no que diz respeito a esses lugares. É como se essas narrativas mediassem o acesso dos que ali nunca irão e se apresentasse como uma forma de conhecimento os territórios da alteridade, reafirmando estereótipos e visões preconcebidas, fundadas no medo de tornar-se vítima de algum ato violento. A discussão

travada por Caldeira é o que proporciona que o discurso de Virgínia seja "comprado" por quem busca segurança em um espaço dividido entre semelhantes.

Segundo Zygmunt Bauman,

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra 'comunidade' é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que 'comunidade' signifique, é bom 'ter uma comunidade', 'estar numa comunidade' (...) a comunidade é um lugar 'cálido', um lugar confortável e aconchegante. [...]  
(...) 'comunidade' é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir, (...) 'Comunidade' é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá (BAUMAN, p. 7 e 9)

A ideia de uma comunidade homogênea é a base do discurso de Virgínia, vendendo a ideia de moradia de um novo projeto de cidade que fomenta uma nostalgia de um passado não vivido por esses possíveis compradores, em uma espécie de regressão das cidades antigas. A ideia de "paraíso perdido" de que fala Bauman dialoga diretamente com o imaginário vendido por Virgínia, por meio de um marketing imobiliário, reduzindo o território à metáfora do "verde".

Los que venimos a vivir a Altos de la Cascada decimos que lo hacemos buscando "el verde", la vida sana, el deporte, la seguridad. excusados en eso, inclusive ante nosotros mismos, no terminamos de confesar por qué venimos. (PIÑEIRO, 2005, p. 30)

O território escolhido para estabelecimento de relações sociais à parte das relações sociais já travadas em outro momento com a cidade produz um apagamento do passado. O tempo objetivo é posto de lado e o tempo subjetivo passa a valer. Importa apenas o presente, as vivências que ocorrem nesse território idealizado com sujeitos de classe social semelhante, fazendo com que surja uma memória social corrente que não se liga ao passado vivido anteriormente na cidade. A possibilidade do apagamento do passado vivido na cidade também faz parte do marketing de Virgínia.

(...) El ingreso en La Cascada produce cierto mágico olvido del pasado. El pasado que queda es la semana pasada, el mes pasado, el año pasado "cuando jugamos el *intercountry* y lo ganamos". Se van borrando los amigos de toda la vida, los lugares que antes parecían imprescindibles, algunos parientes, los recuerdos, los errores. Como si fuera posible, a cierta edad, arrancar las hojas de un diario y empezar a escribir un nuevo. (PIÑEIRO, 2005, p. 30)

Em *Las viudas de los jueves*, a questão da crise argentina é base para a narrativa e é de suma importância para compreender os novos ideais de moradia, os costumes dos sujeitos que vivem nesse território abastado do conurbano e para o próprio desenvolvimento da trama. O território, que se configura no imaginário da cidade como um território da precariedade e com muitos problemas sociais, ganha outra perspectiva na obra por tratar da classe média alta que escolhe morar nessa localidade. A possibilidade de viver no território em que se exclui a ligação com a cidade e se apresenta o ideal de segurança é o pilar do discurso de venda de Virgínia, trazendo pra Los Altos sujeitos que convivem não apenas pela classe social, mas pelo objetivo de uma vida idealizada.

### **Referências:**

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

DAVIS, Mike. *Cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles*. Trad. Renato Aguiar.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. (trad. de Freda Indursky). Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª ed. 1997.

PIÑEIRO, Claudia. *Las viudas de los jueves*. 1ed. Buenos Aires: Arte Gráfico – AGEA AGATA UTE, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, Iná Elias de; CORREA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa (org). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008b, p.77-116.